

O TRABALHO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM GINÁSTICA COLETIVA EM ACADEMIA

Márcio Felipe Carelli Antunes¹
Sílvia Maria Agatti Lüdorf
Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho³

Resumo

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, busca aprofundar o conhecimento acerca do trabalho do profissional de educação física com ginástica coletiva em academia. Nove profissionais, trabalhadores de uma academia de ginástica situada no município de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, foram entrevistados. Para tratamento dos dados coletados foi utilizada a análise de conteúdo. Concluímos que os entrevistados dispõem cuidados com o corpo visando suportar a rotina diária de trabalho com ginástica coletiva, se submetem a trabalhar lesionados e, apesar do encantamento que nutrem pela prática profissional, carecem de segurança quanto ao lugar ocupado nas instituições. As constatações do estudo sugerem um quadro de precarização do trabalho de profissionais de educação física no interior das academias de ginástica.

Palavras-chave: Educação Física; Academia de ginástica; Mercado de trabalho.

-
- 1 Faculdade de Educação Física – Universidade Federal de Juiz de Fora
 - 2 Faculdade de Educação Física – Universidade Federal do Rio de Janeiro
 - 3 Faculdade de Educação Física – Universidade Federal de Juiz de Fora

THE PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL'S WORK WITH GROUP FITNESS IN HEALTH CLUBS

O trabalho do
profissional de educação
física com ginástica
coletiva em academia

Abstract

This research, which is qualitative in nature, seeks to deepen the knowledge on the physical education professional's work, as it relates to group fitness in health clubs. Nine professionals, employees of a health club in the city of Juiz de Fora, in the state of Minas Gerais, Brazil, were interviewed. Content analysis was used for the treatment of collected data. We conclude that the interviewees take care of their bodies in order to stand the daily work routine with group fitness, they undergo work injured and, despite the enchantment they nourish by their professional practice, they lack safety in the work position they belong to in such institutions. The findings of this study show a precarious scenario, in terms of physical education professionals' work in the Health Clubs.

Keywords: Physical Education; Health club; Job market.

Educ. foco,
Juiz de Fora,
v. 22, n. 1, p. 212-236,

INTRODUÇÃO

Proni (2010) observa que o mercado de trabalho para os egressos dos cursos de formação em educação física pode ser dividido em dois grandes segmentos: um referente aos empregos oferecidos no sistema formal de ensino; outro relacionado às ocupações que se distribuem entre vários tipos de estabelecimentos, dentre os quais, as academias de ginástica.

Coelho Filho e Votre (2010) apontam para uma demanda crescente de profissionais formados em nível de graduação e de pós-graduação em educação física para atuar nas academias de ginástica. Esses autores defendem que no universo de possibilidades associadas à formação do profissional de educação física, deve-se favorecer a elaboração de um pensamento crítico sobre si mesmo e sobre o mercado de trabalho.

Quelhas (2012), por exemplo, no que aborda a precarização do trabalho realizado por profissionais de educação física no que denomina de “segmento *fitness*”, é capaz de estimular o acima referido pensamento crítico. Ou seja, são análises e interpretações que podem merecer registro nos cursos de formação universitária, subsidiando a reflexão, como as relacionadas à constatação de que o empresário do *fitness* obtém lucros com o seu negócio através do trabalho produtivo do profissional de educação física. Na mesma direção crítica, Lüdorf e Ortega (2013) detectam a representação do corpo do profissional de educação física como *outdoor* ou propaganda para praticantes de exercícios físicos em academias, na medida em que simboliza certo ideal de saúde e boa forma, produto que é vendido nesses locais.

Importa assinalar, contudo e ao mesmo tempo, que especificidades vinculadas à prática profissional da educação física nas academias de ginástica indicam complexidades que inviabilizam as generalizações ou a análise linear. Freitas et al. (2011) argumentam que diferenças quanto ao porte dessas instituições, localidade em que se encontram e

atividades oferecidas constituem fatores que moldam seus perfis comerciais e influenciam o trabalho dos profissionais de educação física. Freitas et al. (2014) apontam para a necessidade de que se realizem investigações acerca do envelhecimento do profissional de educação física correlacionado às suas diferentes atribuições dentro das academias de ginástica. Para Proni (2010), é fundamental realizar pesquisas que examinem a precariedade das relações de trabalho decorrente da dinâmica de funcionamento do mercado de trabalho para os profissionais da educação física, que provavelmente é bastante distinta nos seus vários segmentos. Nesse diapasão, importa então aqui registrar que existem lacunas no conhecimento correlato às particularidades do trabalho de profissionais de educação física nas academias de ginástica.

Tendo como foco o trabalho desempenhado por profissionais de educação física que atuam ministrando sessões coletivas de ginástica em academias, o objetivo deste estudo é fornecer subsídios aos cursos de graduação e de pós-graduação em educação física, aproximando a formação universitária (inicial e continuada) do campo de atuação profissional.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa. A tradição hermenêutica das abordagens qualitativas parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores, e que seus comportamentos seguem a ordenação de um sentido, que não se dá a conhecer de modo imediato, necessitando ser desvelado (ALVES-MAZZOTTI, 1991).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora (parecer nº 398.013).

O estudo contou com a participação de nove profissionais de educação física atuantes com ginástica coletiva em uma academia situada na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Importa observar que pelo fato de atuarem ou já terem atuado em mais do que uma instituição (academia de ginástica), nos dados coletados transparecem a experiência dos participantes no meio profissional da ginástica coletiva em academias.

Quadro 1 – Caracterização do grupo participante

	Sexo	Idade	Tempo de formação em educação física	Em academias de ginástica – ministra sessões de, atua em e/ou como
P1*	Feminino	37	13 anos	Ciclismo <i>indoor</i> e <i>personal trainer</i>
P2	Masculino	27	4 anos	Ciclismo <i>indoor</i> , <i>body pump</i> , sala de musculação e <i>personal trainer</i>
P3	Masculino	28	2 anos e 6 meses	Ciclismo <i>indoor</i> , <i>zumba fitness</i> e <i>personal trainer</i>
P4	Feminino	29	5 anos	Ciclismo <i>indoor</i> , <i>ball training</i> , <i>abdomen class</i> e <i>powerjump</i>
P5	Feminino	36	1 ano	Ciclismo <i>indoor</i> , sala de musculação e <i>personal trainer</i>
P6	Masculino	27	5 anos	Ciclismo <i>indoor</i> e <i>zumba fitness</i>
P7	Feminino	24	6 meses	Ciclismo <i>indoor</i> , <i>body pump</i> e <i>powerjump</i>
P8	Feminino	37	15 anos	Ciclismo <i>indoor</i> e <i>gap</i>
P9	Feminino	54	32 anos	<i>Pilates solo</i>

* Os participantes são identificados, na sequência do trabalho, pela letra P, seguida dos números 1 a 9; ou seja, o participante 1 é identificado como P1, e assim sucessivamente.

A academia foi selecionada por ter perfil empresarial consolidado e por permitir o acesso para a realização da pesquisa. Com média de 600 frequentadores pagantes nos últimos seis meses, pode ser considerada como uma academia de médio porte para os padrões encontrados na cidade de Juiz de Fora.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista. O roteiro de questões semiestruturado que norteou as reflexões durante as entrevistas, é o seguinte:

Há quanto tempo você trabalha com ginástica coletiva em academia?

Por que escolheu trabalhar com ginástica coletiva em academia?

Qual o seu nível de satisfação em atuar com ginástica coletiva em academia?

Você acumula outras atividades profissionais, além do trabalho com ginástica coletiva em academia? Por quê?

Quais as relações que você pode estabelecer entre o trabalho que desenvolve com ginástica coletiva em academia, a sua saúde e o seu ganho financeiro?

Já teve a necessidade de ir trabalhar lesionado? Por quê?

O trabalho com ginástica coletiva em academia alimenta algum tipo de necessidade, por exemplo, de ingerir produtos com o objetivo de minimizar o cansaço diário e maximizar o desempenho?

Você pratica exercícios físicos fora dos horários de trabalho? Quais? Por quê?

Quais as suas perspectivas profissionais associadas ao trabalho com ginástica coletiva em academia?

Todos os profissionais de educação física atuantes com as modalidades coletivas de ginástica na academia selecionada foram contatados e se prontificaram a participar, livremente, da pesquisa (assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). As entrevistas, gravadas e transcritas, ocorreram em dia, horário e local de maior conveniência para os participantes.

Como referencial teórico para analisar e interpretar o material produzido com a transcrição das entrevistas utilizamos a “análise de conteúdo” (BARDIN, 2011). Este referencial disponibiliza um conjunto de técnicas que permite

ao pesquisador se infiltrar gradativamente nos discursos, chegando ao ponto de interpretá-los de forma a levantar questões que a primeira vista não são reveladas. Nesse sentido, a pré-análise corresponde “a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 125).

Com a pré-análise em curso, a fim de nos familiarizarmos com os documentos e nos deixarmos contaminar, mais ainda, pelo universo investigado, foram realizadas leituras flutuantes do arquivo contendo a transcrição das entrevistas. Na sequência, foi iniciado o trabalho de categorização. A categorização temática foi usada para que pudéssemos organizar a análise através de uma condensação dos dados brutos.

Do *corpus* (material empírico coletado e transcrito) se estabeleceram, a *posteriori* (porquanto resultantes da acima mencionada pré-análise), três categorias-chave: (1) Facilitadores do desempenho físico-profissional; (2) Lesões; (3) Encantamento provocado pela ginástica coletiva em academia.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

CATEGORIA 1 – FACILITADORES DO DESEMPENHO FÍSICO-PROFISSIONAL

O discurso dos entrevistados aponta para a ingestão de certos produtos objetivando favorecer o desempenho físico-profissional: “[...] a minha rotina é muito pesada; uso *BCAA*, *whhey protein* e uma boa alimentação” (P1); “Tem épocas que eu uso algum *termogênico* para me dar energia” (P4);

O profissional que nunca usou uma caféina, que nunca usou um pré-treino, o profissional que nunca precisou disso, com certeza ele deve dar duas aulas por semana; agora o

profissional que dá três, cinco, seis aulas por dia, durante um período de cinco, seis vezes na semana, com certeza sente a necessidade de estar tomando um pré-treino, tomando alguma coisa. (P2).

Palma e Assis (2005) alertam que profissionais de educação física atuantes em academias podem ter necessidade de adquirir certa condição física que lhes permita ministrar repetidas sessões de ginástica. Conforme Coelho Filho (2005), é fundamental para o profissional que atua com ginástica coletiva em academia passar energia durante as sessões. Vejamos o que diz o participante:

Quando chega ao final da semana, a minha ingestão de café e energético é maior; porque o aluno tá ali, ele não quer saber se você já deu outras trinta aulas durante a semana, ele quer que você dê aula na sexta-feira às vinte horas no mesmo nível de segunda às sete horas da manhã, na mesma empolgação; e o patrão também, porque se você abaixar o nível ele vai falar. (P3).

Verifica-se, portanto, uma prática profissional constituída a partir das representações de usuários e empresários. Como indicam Coelho Filho e Votre (2010, p. 100), “o que tem importância nesse mercado de imagens são a representação do consumidor e o ato de consumir transformado em lucro”.

Quatro dos profissionais entrevistados disseram não ser favoráveis ao uso de produtos específicos com o objetivo de facilitar o desempenho físico-profissional: “Já ouvi falar, mas eu nunca fiz o uso desses produtos não, somente alimentação e boas noites de sono” (P9). Contudo, todos deixam transparecer a necessidade de compromisso com o descanso e com uma alimentação adequada, bem como com a prática do exercício físico regular:

O exercício físico feito fora do horário de trabalho é a musculação, pelo fato da maioria das aulas que nós damos são mais direcionadas para o aeróbico, conseqüentemente são aulas com a demanda energética muito alta, o gasto calórico muito alto e conseqüentemente a gente acaba emagrecendo muito, mesmo se alimentando bem. Então, acaba que a gente tem que fazer um trabalho extra para tentar maximizar um pouco o ganho de massa muscular [...], a gente estar sempre fortalecendo, principalmente joelho, quadril, abdome; são regiões que temos que estar fortalecendo o tempo todo, para a gente conseguir um tempo maior no nosso trabalho e não aposentar cedo. (P2).

São discursos que nos remetem para certas estratégias de controle e disciplina, e de algum modo para o que observam Bastos et al. (2013, p. 495):

A autovigilância e o empenho em manter a força de vontade para fazer o que é “certo”, ou seja, as asceses que levam à vitalidade acabam por gerar o gosto por atividades físicas, certos hábitos (certos), consumos, e restrições cotidianas, sendo tal cenário tido como o de liberdade individual.

Nossa interpretação propõe reconhecer a heteronomia. Nesse sentido, das técnicas como práticas de liberdade da Antiguidade greco-romana para as técnicas como renúncia de si guiadas pela confissão cristã, ou nos liames da discussão sobre governo de si e vida governada, pressupomos, inspirados em Souza Mendes e Gleyse (2015), práticas de assujeitamento e disciplinamento e podemos problematizar o reforço ao culto ao corpo e os imperativos da vida saudável na atualidade.

Mas a imagem do profissional vibrante durante as sessões coletivas de ginástica, de um profissional que dispõe

da energia compatível ao desempenho almejado por clientes e proprietários de academias, não é a única que emerge dos depoimentos. Deve-se também considerar uma imagem associada à forma corporal, pois parece que ela seduz, motiva o cliente. Como apontam Maroun e Vieira (2008), a aparência corporal assume valores simbólicos relevantes na atualidade, despertando o interesse das pessoas e da mídia, podendo ser interpelada, também, pela lógica da cultura do consumo. Observemos o depoimento:

Nós, professores de educação física e principalmente da ginástica coletiva, sofremos por sermos vistos como modelos de corpos perfeitos, e vejo como que as especificidades físicas dos professores interferem nos nossos alunos; essa questão de ter um corpo legal, saudável. Os praticantes podem conseguir inspiração por estarem em convívio com um profissional que tem esse corpo padrão, bem feito, bem moldado. (P4).

Com base em Palma e Assis (2005), interpretamos que nossos entrevistados são profissionais de educação física que se mostram, ao menos na superfície dos seus discursos, engajados em programas de promoção da saúde. Assim, se a imagem do corpo com baixo percentual de gordura (diz a entrevistada: “bem feito, bem moldado”), por exemplo, pode ser relacionada à de boa saúde, compreende-se porque a aparência física de profissionais de educação física atuantes em academias de ginástica esteja sendo representada como modelo motivacional para clientes dessas instituições comerciais. Como indicam Goldemberg e Ramos (2007), a cultura da *malhação* exige o corpo não somente livre de certa quantidade indesejável de gordura, mas firme, musculoso, isento das marcas do relaxamento, da falta de investimento do indivíduo em si mesmo. O discurso é representativo:

Infelizmente, a gente é visto como modelo; você é espelho, é assim, temos que ter um corpo fisicamente perfeito. Eu acho que não existe gordo feliz; não é bem resolvido, não tem uma qualidade de vida boa. E se você é acima do peso, com barriga, desleixado, realmente você vai chegar e vai falar assim: “ele não dá conta dele, vai dar conta de mim?”. (P1).

Com efeito, na corrente da precariedade associada à natureza do emprego, o trabalhador deve responder às forças de mercado e se adaptar. O resultado deste movimento, segundo Standing (2013, p. 47), “é uma crescente massa de pessoas – em potencial, todos nós que estamos fora da elite, ancorada em sua riqueza e desapego da sociedade – em situações que só podem ser descritas como alienadas, anômicas, ansiosas e propensas à raiva”. No que concerne à alienação, considere-se o que é dito pela entrevistada: “Eu acho que não existe gordo feliz [...]”.

Portanto, ter certa disciplina consigo e enquadrar a própria aparência física ao modelo do corpo atlético também podem ser considerados movimentos facilitadores do desempenho físico-profissional lucrativo. O mercado, contudo, parece exigir mais, de modo que a prática profissional muitas vezes com o corpo lesionado é evidenciada nos depoimentos.

CATEGORIA 2 – LESÕES

Dois dos entrevistados relatam não ter tido ainda necessidade de trabalhar lesionados: “[...] nunca tive necessidade de trabalhar lesionada. Não sei se por cuidar bastante do meu corpo, fazendo fortalecimento das articulações, ou pelo fato de ter pouco tempo mesmo na área; três anos eu considero pouco tempo” (P7).

O depoimento desta jovem profissional (24 anos de idade) nos remete ao que observam Benedetti e Ouriques (2007) sobre os profissionais de ginástica da academia por

eles investigada; que o fato de serem jovens (idade máxima de 25 anos e com menos de cinco anos de atuação profissional) com bom condicionamento físico pode ter contribuído para que não fosse detectada nos mesmos a presença de lesões musculoesqueléticas relacionadas ao trabalho. Mas o que é dito pela entrevistada aponta também para a disciplina relacionada à conveniência de se fazer o que é *certo*, para uma preocupação com a proteção das próprias articulações que podemos compreender relacionada às exigências do labor profissional. Assim:

A necessidade de ter ou manter a funcionalidade do corpo relativa à saúde, além de estar relacionada à demanda de cumprir determinados papéis sociais e culturais, sugere um recorte típico do professor da área de Educação Física na medida em que a natureza do cotidiano profissional exige uma capacidade físico-biológica, que pode se comprometer ao longo dos anos. (SILVA; LÚDORF, 2012, p. 200).

Inserida no mercado de ginástica coletiva em academia, a profissional entrevistada não sabe precisar um motivo que justifique nunca ter tido necessidade de trabalhar lesionada; talvez a boa condição física, “ou pelo fato de ter pouco tempo mesmo na área”. Em certo sentido, o movimento corporal desta jovem profissional (a disciplina, a preocupação com a proteção das próprias articulações, a dúvida) talvez possa se encontrar ancorado, mesmo inconscientemente, ao que assinala Coelho Filho (2005) acerca das perspectivas do profissional de ginástica coletiva em academias; que a manutenção no mercado de trabalho é dificultada com o avançar da idade, principalmente em decorrência dos sacrifícios necessários à manutenção de certa ação competente e imagem conveniente.

O outro profissional que relata não ter tido ainda necessidade de trabalhar lesionado justifica o fato na

possibilidade que encontra de solicitar substitutos: “[...] eu sempre me cuidei bastante, e a partir do momento que eu sentia alguma coisa, ou algo que poderia me atrapalhar, eu pedia substituto, pedia alguém para dar aula no meu lugar” (P2). Importa aqui registrar que esse entrevistado é também um dos proprietários da academia pesquisada. Assim, o discurso indicando a alternativa do substituto deve ser modalizado.

Sobre a necessidade de trabalharem lesionados e a alternativa de solicitarem substituição nas sessões de ginástica ministradas, o que fica evidenciado nos depoimentos é uma complexidade que transcende a condição simplista desvelada no discurso do profissional/proprietário. Vejamos o que responde a entrevistada quando questionada se já tinha tido necessidade de trabalhar lesionada:

Sim, muitas vezes. Porque, no nosso ramo, a gente paga o Conselho, mas ele não te atende no fato de você se lesionar. Porque muitos lugares não têm gente para trabalhar; você não tem o INSS pago em academias. Então, muitas vezes temos que trabalhar em nível *hard* e com o sorriso na cara. (P4).

O discurso da entrevistada indica não se encontrar em geral nas academias de ginástica profissionais em número suficiente para substituir outros no caso de se encontrarem lesionados. Além disso, em consonância com o que assinalam Coelho Filho e Votre (2010), mostra que as garantias trabalhistas de profissionais de educação física atuantes nessas instituições comerciais devem ser colocadas em xeque. Registre-se então que a falta de apoio da comunidade em momentos de necessidade e a falta de benefícios assegurados da empresa compreendem características importantes do trabalho precário (STANDING, 2013).

De fato, os profissionais entrevistados se submetem a trabalhar lesionados, sobretudo por questões associadas à complexidade comercial que envolve a compra e a venda

de serviços e de mercadorias em academias de ginástica, em especial no contexto da ginástica coletiva. O profissional tece um panorama:

Já, várias vezes. Por pressão de patrão, porque se a gente trabalha a gente ganha pela aula dada, se a gente não dá aula, a gente não ganha. [...] Por mais que você vá ao médico, tenha atestado, todo mundo te olha atravessado, e para você arrumar substituto é complicado. Por quê? Porque tem que confiar muito na pessoa. Eu já tive substituto que tentou pegar o meu lugar. E aí, o que acontece? Você dá aula num nível, vem o substituto e aceita ganhar menos que você ganha; o patrão não quer saber, ele quer saber que vai pagar menos para a outra pessoa, e os alunos não estão nem aí. Então, às vezes você tem um risco de trabalhar com a ginástica machucado; assumo o risco de ter o atestado e mesmo assim ir trabalhar, com o atestado na mão. Pra quê? Para não perder o meu lugar, para não perder o meu espaço e não perder dinheiro. (P3).

Do discurso acima, destacamos inicialmente o ganho financeiro atrelado ao número de sessões de ginástica ministradas. Nesse sentido, conforme Silva e Lüdorf (2012), verifica-se que o profissional de educação física opta por trabalhar, muitas vezes, além dos seus próprios limites físicos, transparecendo que a própria profissão não contribui para a saúde do mesmo. Na sequência, a competitividade do mercado de trabalho e a substituição que remete à insegurança do lugar ocupado. O trecho “os alunos não estão nem aí” implica considerar que, apesar da identificação que pode se mostrar estabelecida entre os praticantes e o profissional de ginástica que está sendo substituído, parece que esses praticantes não vão ficar sensibilizados negativamente se um substituto por eles avaliado como competente for promovido pelo proprietário da academia ao posto de titular.

Diz outro entrevistado: “[...] a gente tem que vir para não deixar outra pessoa que os nossos alunos não esperam, não conhecem; muda totalmente o clima da aula e do ambiente” (P6). Então, considerando-se a possibilidade de os clientes gostarem do novo cenário estabelecido pelo substituto, o proprietário da academia também pode se deixar influenciar e resolver promover mudanças. Coelho Filho e Votre (2010, p. 100) observam que o “importante é que esses profissionais conquistem muitos praticantes; no momento em que não conseguirem mais alcançar esse objetivo, serão substituídos”.

Como o trabalho dos profissionais de educação física em academias de ginástica pode ser considerado trabalho produtivo, pois é sobretudo por meio dele que os proprietários dessas instituições comerciais obtêm o lucro (Quelhas, 2012), justifica-se a insegurança que implica em necessidade de se submeter muitas vezes ao exercício profissional sem uma condição de saúde adequada. Segundo Boltansk e Chiapello (2009), graças a um misto de vantagens (diz o entrevistado: “se a gente não dá aula, a gente não ganha”) e medo do desemprego, os assalariados são induzidos a assumir, livre e plenamente, as tarefas que lhes são prescritas. Nesse percurso, o objetivo do empresariado é obviamente obter a colaboração dos assalariados para a realização do lucro capitalista.

Contudo, para além da interpretação correlata à força de trabalho como instrumento do capital, os depoimentos apontam também para a convivência entre lesão e trabalho motivada por certas necessidades e/ou vantagens corporais que se estabelecem associadas à atuação profissional com ginástica coletiva:

Às vezes até eu estava de atestado, mas ia trabalhar porque eu precisava. Preciso desse ambiente, faz parte, eu me sinto bem. [...] estou com duas hérnias na lombar, e não consigo largar as minhas aulas, não paro. Mas eu tenho fisioterapia; estou um pouco ausente na fisioterapia, mas eu consigo me manter na ginástica ainda. (P8).

Para os entrevistados, *pari passu* aos sacrifícios que se estabelecem associados às determinações específicas deste mercado de trabalho, a prática profissional com ginástica coletiva em academia segue também no sentido do que podemos denominar de encantamento.

CATEGORIA 3 – ENCANTAMENTO PROVOCADO PELA GINÁSTICA COLETIVA EM ACADEMIA

O entrevistado sublinha o aspecto comercial:

Hoje a academia que abre as portas sem um trabalho cardiovascular, não digo elíptico, eu digo um trabalho dentro de uma sala de ginástica, está dando um passo para trás, pelo fato de chamar o aluno. O aluno gosta de interação, gosta de trabalho coletivo, e isso faz a diferença. (P2).

Como observam Liz et. al (2010), o sucesso de qualquer programa de exercícios físicos está relacionado à motivação. No trecho acima destacado, as práticas coletivas de ginástica oferecidas pelas academias são enaltecidas: o ambiente motivador cativa os praticantes; o tipo de trabalho favorece a troca interpessoal. De fato, o quadro delineado é apontado inclusive como influenciador da opção pela formação profissional:

Eu fazia academia, fazia musculação, e uma vez me chamaram para fazer uma aula de abdominal. Eu fui, e ainda era aluno, não tinha entrado na faculdade ainda. [...] não pensei em fazer educação física, quando eu entrei na aula de abdominal, aquilo me contagiou: o clima, a música, o comando, assim, algo hoje que eu arrepio quando eu lembro. (P3).

Sendo a aliança estética-saúde um elemento significativo do processo de fidelização do cliente à academia de ginástica,

conforme Furtado (2008), há de se considerar complementando essa aliança a presença do entretenimento, do convívio social e do divertimento. Assim, se compreendemos as academias de ginástica como espaços de lazer, estética e convivência (MARCELLINO, 2003), as sessões coletivas de ginástica por elas disponibilizadas parecem assumir lugar especial. É o que indicam Frazão e Coelho Filho (2015, p. 153):

[...] se o prazer emerge como uma categoria importante atrelada aos motivos da prática regular de exercícios físicos em academias de ginástica, parece prudente estabelecer relação entre ele e a acima referida ginástica coletiva, porquanto da valoração diferenciada que lhe é atribuída pelas mulheres entrevistadas.

Os entrevistados são unânimes ao sublinhar o encantamento que nutrem pela atividade: “Essa parte coletiva me atrai muito, pelo fato do prazer da atividade; dentro de academia o que me atraiu mesmo é essa parte da ginástica coletiva” (P8); “[...] eu gosto muito de lidar com gente, de conversar; eu gosto muito disso, do contato, e eu acho o *feedback* do pessoal que faz esse tipo de ginástica muito legal” (P5). Tanto mais, quando as pessoas se identificam com os membros do grupo em que convivem sentem mais prazer e atração pela atividade que está sendo proposta (LIZ et al., 2010).

A prática é também encantadora em virtude da associação que estabelece com a ideia de bem estar: “Em relação à saúde, a gente fica bem, dorme bem. Eu chego em casa, eu faço minhas coisas, tudo. As minhas alunas falam que quando começam a fazer ginástica, tudo melhora” (P9). De certo modo, a interpretação vinculada ao encantamento pode ainda nos conduzir a pensar, mesmo que ingenuamente, nos “cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos” (FOUCAULT, 1985, p. 58), quer seja até no sentido da intensificação das relações sociais. Diz o entrevistado:

Eu procuro sempre me cuidar. [...] por mais que a gente tenha um condicionamento físico pesado, muito bom, acaba que o excesso de atividade física faz com que a gente tenha um desgaste maior, existe uma fraqueza. Então, chega um ponto que preocupamos com a gente primeiro, e conseqüentemente estar perguntando ao aluno tudo aquilo que a gente tem como preocupação com a gente também, e saber se o aluno tem. (P2).

Os profissionais assinalam o lado bom, mas não deixam de apontar para aquele ruim:

Na ginástica coletiva, eu trabalho só com o *spinning*. Então, é um ambiente de alegria no trabalho; é intenso, porque eu sou apaixonada com bicicleta. Então, eu foquei no que eu gosto de fazer no dia a dia para trabalhar. [...] eu pego esse tempo para fazer a minha atividade aeróbica. Então, eu junto o meu trabalho e melhoro a minha qualidade de vida; e o dinheiro não vale a pena. Se for olhar pelo sistema financeiro, não vale a pena. (P1).

O que é dito por nossos entrevistados confirma o que Freitas et al. (2014) constataram em seu estudo: a satisfação com a profissão expressada por profissionais de educação física atuantes em academias de ginástica não abarca a questão financeira, que emerge como mais uma adversidade nesse âmbito de trabalho.

Mas ainda é preciso indicar um caminho interpretativo associado à saúde desse trabalhador. Palma et al. (2006) observam que o profissional da área de educação física por vezes experimenta o prazer na realização de suas atividades laborativas, tem satisfação no que faz, mas relata uma série de queixas relacionadas à sua saúde. São queixas que podem se instaurar, por exemplo, vinculadas ao grande desgaste físico a que muitas vezes é submetido e à instabilidade no emprego em

razão da estética corporal (também vinculada ao processo de envelhecimento). Como dizem Freitas et al. (2014), o desgaste referente ao esforço físico e à longa jornada de trabalho, em busca de uma melhor remuneração, muitas vezes desmotiva e afasta profissionais de educação física do mercado das academias de ginástica com o avançar da idade. Observemos o depoimento:

A minha rotina é muito pesada. Eu trabalho como *personal* das seis da manhã às nove horas da noite. Horário de almoço eu trabalho, eu almoço em meia hora. Às vezes você tem intervalo para almoçar, um intervalo de uma hora, uma hora e meia, e no meio da tarde só, e é muito pesado. (P1).

Trata-se de um discurso que nos conduz ao que constata Quelhas (2012, p. 230) acerca da jornada de trabalho de profissionais de educação física atuantes em academias de ginástica:

[...] os trabalhadores têm dificuldades para realização, até de atos fisiológicos fundamentais. Sentar-se para descanso, ir ao banheiro, fazer refeições, nem sempre são realizados em situações adequadas, o que provoca, segundo os relatos, alguns distúrbios e problemas de saúde. É comum o prejuízo das refeições em razão do trabalho avançar sobre a hora adequada de almoço, ou até mesmo, impedir que se realize, forçando o trabalhador a realizar lanches rápidos, ao invés de refeições.

A complexidade da interpretação associada à saúde desse profissional nos apresenta uma situação, de certa forma, paradoxal. De um lado a entrevistada enaltece a prática profissional da ginástica coletiva, por outro aponta, de maneira mais ou menos explícita, para a agressão corporal advinda desse trabalho:

Eu acho que para a saúde tem um benefício mútuo, porque ao mesmo tempo trabalhamos e fazemos a nossa *malhação* diária. É cansativo por termos que fazer sempre, mas como eu gosto do que faço, não vejo como obrigação nesse sentido. É claro que em excesso não é bom para os professores; muitas aulas seguidas, o excesso de repetição interfere no nosso corpo. (P7).

Palma et al. (2007) observam que, nas academias de ginástica, a relação entre a quantidade de sessões ministradas pelo profissional de educação física e a sua (maior) remuneração pode estar associada ao curto período que esse trabalhador parece permanecer atuando no contexto, no sentido da aposentadoria precoce. E a correlação com o que observa Coelho Filho (2007, p. 160) parece pertinente:

Os grandes centros de *fitness* (e o esporte espetáculo), por exemplo, que tiram proveito dos seus jovens profissionais de ginástica (no caso do esporte, dos atletas de alto rendimento) exigindo cada dia maiores *performances*, não fazem mais do que drogá-los com base em seus próprios prazeres, para depois “jogá-los no lixo”.

O longo extrato abaixo é mais uma ilustração da articulação que se pretende estabelecer entre teoria e empiria:

Todos os professores da ginástica recebem muito pouco, pela exaustão que é. O corpo não aguenta. Eu trabalho de seis horas da manhã até as vinte e duas e trinta da noite, todo dia, de segunda a sexta-feira. E o dinheiro é isso, você tem que complementar fazendo bicos pra fora. Então, isso acarreta um monte de outras coisas, já que com o dinheiro que eu ganho não consigo dar conta. Eu tenho que trabalhar em outro lugar, e trabalhar em outro lugar eu vou ficar mais cansado. Então, minha saúde vai ser

jogada no lixo. Eu durmo em média três a quatro horas por noite; só não consigo mais porque quando eu paro de trabalhar, até chegar em casa, até você ajustar as coisas pro dia seguinte: montar aula; tem que preparar mala com roupa, porque fico o dia inteiro fora. Chega final de semana não dá pra descansar, porque tem que fazer outras coisas pra complementar minha renda. Então, é assim, é uma relação de que só quem gosta muito mesmo é que ainda permanece. (P3).

Compatível com o quadro do trabalho precário, conforme Standing (2013), muitos precisam assumir mais do que um emprego só para pagar as contas ou como garantia para a perda de um deles.

Considere-se então que para os entrevistados nesta pesquisa, em alguma medida ou até certo momento, o encantamento provocado pela prática profissional da ginástica coletiva em academia parece amenizar o desgaste corporal provocado pela remuneração insatisfatória e pelas exigências do mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a análise e a interpretação dos dados empíricos coletados no presente estudo, destacamos as seguintes conclusões.

Para os entrevistados, a ingestão de produtos e o cuidar-se de si através da prática de exercícios físicos e da alimentação adequada emergem como facilitadores do desempenho físico-profissional lucrativo; um desempenho que se estabelece associado à necessidade de: (1) suportar o esforço de ministrar repetidas sessões coletivas de ginástica na rotina diária; (2) se amoldarem à imagem do *profissional vibrante* durante as sessões coletivas de ginástica ministradas, ou seja, de profissionais que dispõem da energia compatível ao desempenho almejado e exigido por clientes e proprietários de academias; (3) enquadrar a própria aparência física ao modelo do corpo atlético, pois parece que ele seduz, motiva o cliente.

Os profissionais entrevistados se submetem a trabalhar lesionados, sobretudo por questões associadas à complexidade comercial que envolve a compra e a venda de serviços e de mercadorias em academias de ginástica, em especial no contexto da ginástica coletiva.

Sobre a necessidade de trabalharem lesionados e a alternativa de solicitarem substituição nas sessões de ginástica ministradas, o que fica evidenciado nos depoimentos é certa complexidade que podemos articular com dois elementos: (1) afigura não se encontrar em geral nas academias de ginástica profissionais disponíveis para substituir outros no caso de se encontrarem lesionados; (2) a competitividade do mercado de trabalho e a substituição que remete à insegurança do lugar ocupado.

Para além da interpretação correlata à força de trabalho como instrumento do capital, os depoimentos apontam também para a convivência entre lesão e trabalho motivada por certas necessidades corporais pessoais e internas, que se estabelecem associadas à atuação profissional com ginástica coletiva em academias. Os entrevistados são unânimes ao sublinhar o encantamento que nutrem pela prática profissional da ginástica coletiva em academias; é uma prática que encanta também por conta de certa associação que estabelece com a ideia de bem estar e sua relação com o outro, o que maximiza o contato interpessoal.

Por fim, salientamos que as constatações do presente estudo permitem situar a prática de profissionais de educação física que atuam ministrando sessões coletivas de ginástica em academias no quadro do trabalho precário, fato que implica sugerir novas investigações sobre o tema. Efetivamente, precariedade de trabalho e de proteção social, insegurança com o lugar ocupado nas instituições, indicando que o momento é propício para que esses profissionais se interessem pelo movimento que ganha corpo, como afirma Standing (2013, p. 23), de uma “*classe-em-formação*”, “o precariado”.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em Educação. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), São Paulo, v. 77, p. 53-61, mai. 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, Wanja et al. Epidemia de *fitness*. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 485-496, abr./jun. 2013.

BENEDETTI, Tânia Bertoldo; OURIQUES, Rosano. Análise ergonômica do trabalho de professores de ginástica em academias. **Efdeportes/Revista Digital**, Buenos Aires, ano 11, n. 106, p. 01-01, mar. 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd106/analise-ergonomica-do-trabalho-de-professores-de-ginastica-em-academias.htm>. Acesso em: 29 mar. 2016.

BOLTANSK, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Fruto maduro? Caindo do pé? In: SANTOS, Roberto Ferreira dos (Org.). **Lições de educação física 1**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2005. p. 165-202.

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. **Metamorfose de um corpo** andarilho: busca e reencontro do *algo* melhor. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade; VOTRE, Sebastião Josué. Imagens da prática profissional em academias de ginástica na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 95-110, mai. 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FRAZÃO, Deimersom Pereira; COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. Motivos para a prática de ginástica em academias exclusivas para mulheres. **Revista Brasileira de**

Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 149-158, jan./mar. 2015.

FREITAS, Diego Costa et al. As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 959-974, out./dez. 2011.

FREITAS, Diego Costa et al. O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1523-1541, out./dez. 2014.

FURTADO, Roberto Pereira. Convívio social, diversão e entretenimento como valor de uso e promessa nas academias de ginástica híbridas. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 1-26, ago. 2008.

GOLDEMBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDEMBERG, Mirian (Org.). **Nú & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 19-40.

LIZ, Carla Maria de et al. Aderência à prática de exercícios físicos em academias de ginástica. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 181-188, jan./mar. 2010.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti; ORTEGA, Francisco Javier Guerrero. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de educação física. **Interface**, Botucatu, v. 17, n. 46, p. 661-675, jul./set. 2013.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 49-54, jun. 2003.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008.

PALMA, Alexandre et al. Saúde e Trabalho dos professores de educação física que atuam com atividades

aquáticas. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 81-101, jul./dez. 2006.

PALMA, Alexandre et al. Trabalho e saúde: o caso dos professores de educação física que atuam em academias de ginástica. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 11-30, 2007.

PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique. Uso de esteróides anabólico-androgênicos e aceleradores metabólicos em professores de educação física que atuam em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-92, set. 2005.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 788-798, jul./set. 2010.

QUELHAS, Alvaro de Azeredo. **Trabalhadores de educação física no segmento fitness**: um estudo da precarização do trabalho no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2012.

SILVA, Alan Camargo; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 187-204, abr./jun. 2012.

SOUZA MENDES, Maria Isabel Brandão de; GLEYSE, Jacques. O cuidado de si em Michel Foucault: reflexões para a Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 507-520, abr./jun. 2015.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Submetido em: 16/10/2016

Aprovado em: 23/11/2016